

# O ódio primário e os processos de individualização

Augusta Gerchmann<sup>1</sup>  
César Augusto Antunes<sup>2</sup>

Resumo: O artigo desenvolve a ideia da existência de um ódio primário e estruturante, a partir dos conceitos freudianos concernentes à segunda tópica, principalmente os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte. Acrescentam-se contribuições de André Green e de outros autores sobre os processos de ligação e desligamento, relacionando as frustrações decorrentes do desencontro entre a demanda do bebê e o desejo materno, com o incremento de angústias do início da vida que repercutirão no destino das pulsões e na vida do sujeito. Por um lado, a pulsão de vida gera ligações e desperta o desejo, estando na base dos processos identificatórios. Por outro, a pulsão de morte, atenuada pelas ligações e representações, será expressa por desejos destrutivos em relação ao objeto. Chamamos esse processo de ódio primário, e entendemos que ele contribuiria, de maneira não menos importante, para o processo inicial de individualização. Se as ligações do ser com o objeto estabelecem a identidade (ser idêntico), os processos relacionados à destrutividade fornecem as marcas psíquicas para a construção da individualidade (aquilo que não se divide).

Palavras-chave: pulsão de vida, pulsão de morte, identidade, individualidade, ódio primário

## Pulsão: uma teoria binária

A teoria psicanalítica, principalmente a teoria freudiana, desde seus primórdios, apoiou-se num constructo dialético, binário e, em consequência,

1 Psicóloga e psicanalista. Membro titular, em função didática, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

2 Psicanalista. Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

antagônico e conflitivo. Nesse sentido, uma teoria que se sustentasse sobre hipóteses de áreas livres de conflito pareceria estranha à ideia fundante de nossa ciência. No entanto, partindo também do fato de que toda ciência merece e deve ser refutada para não ser atraída por pensamentos religiosos e, então sim, dogmáticos, podemos aceitar que ainda assim existam, no interior dos alicerces teóricos psicanalíticos, teorias não dialéticas.

Freud, em seus rascunhos e projetos, cartas e comentários, refere-se ao aparelho psíquico como um sistema dualista, que se contrapõe e se complementa. Em suas construções teóricas, as exceções são o complexo de Édipo e a topologia do psiquismo, na segunda tópica. Já em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1988b), a dualidade se apresenta – por exemplo, nos conceitos de neurônios permeáveis e impermeáveis. Ainda em seus escritos iniciais, vemos que as pulsões, que não são o mesmo que instintos, mas aquilo em que os instintos se tornam, encontram-se desde sempre em oposição, pulsões autoconservativas ou do eu e pulsões sexuais. Posteriormente, substitui esse confronto pulsional enfatizando a pulsão sexual e sua consequência, a libido. Desse momento em diante, a dualidade se expressará através do conflito entre libido do eu e libido objetal, sem que uma elimine a outra.

Finalmente, a grande intuição: em 1919, começa a se esboçar no pensamento freudiano o que em 1920 se constituirá como pulsão de vida e pulsão de morte. Chamamos de grande intuição porque, no limiar do século XXI, a ciência biológica constatou a existência, no interior da célula, de forças contrárias à vida, o que denominou *suicídio celular* ou *apoptose celular*. Apontamos esse fato para destacar a genialidade de Freud na construção de sua teoria sobre a pulsão de morte; não porque a psicanálise necessite de confirmações biológicas, mas porque talvez a biologia devesse buscar na psicanálise alguns referenciais para suas pesquisas. Acreditamos, todavia, que ainda não será desta vez que as ciências duras aceitarão alguns princípios científicos da psicanálise.

Com o conceito de pulsão de morte, teremos aquilo que alguns autores denominam *a grande virada dos anos 1920*, mas que, para nós, aparece como ponto culminante de um processo especulativo, científico, teórico e intelectual, que intuía a existência de forças (*Drang*) opositoras aos processos vitais. Essas ideias aparecem em trabalhos como “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2010d), “‘Batem numa criança’: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (Freud, 1919/2010b) e “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924/2011a), nos quais se revelam expressões afetivas de amor e ódio e que começam a evidenciar os registros de presença e ausência do objeto, marcadamente através do jogo do carretel em *Além do princípio do prazer* (1920/2010a).

A partir de então teremos um sistema binário, de presença e ausência, de vida e morte, de ligações e desligamentos, seja no interior do aparelho psíquico, mediante as representações, as ligações entre representação-coisa e representação-palavra, seja no mundo externo, nos vínculos, nas relações de objeto, no complexo de Édipo e nas ligações com o objeto fundante do aparelho psíquico – a mãe ou seu substituto.

Ao longo de sua obra, Freud discorre sobre a formação de aparelho psíquico e a repercussão do encontro primário do ser com o objeto, nos estados de saúde e na patologia. No *Projeto*, postula que, de chegada, há alterações no interior do recém-nascido, com aumento de estímulos, os quais só podem ser cancelados mediante uma alteração no mundo externo, através da ação de alguém que intervenha sobre este. “O organismo humano é inicialmente incapaz de levar a cabo a ação específica. Esta ocorrerá mediante auxílio alheio: pela descarga sobre o caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança” (Freud, 1950[1895]/1988b, p. 362). Esse momento é constituído pelo autoerotismo – prazer de órgão, destituído de uma identidade unitária –, apenas fragmentos somáticos, que poderão, dependendo dos cuidados maternos, vir a constituir o eu (Freud, 1905/2016, 1914/2004b, 1916-1917/2014). Nesse período, o recém-nascido ignora de onde vem a ação específica; o que lhe importa é a satisfação pulsional. No entanto, na medida em que muitas vezes o objeto, real e externo, ainda não percebido, não está presente para a satisfação imediata, o ser é obrigado a levar em conta que a satisfação não depende de sua vontade e a considerar a existência de um outro (fora do si mesmo), de um não eu. Nesse processo de construção de uma relação que culmine no estabelecimento do ego, Freud supõe que

o objeto que brinda a percepção seja parecido com o sujeito, a saber, um próximo. Nesse caso, o interesse teórico se explica, sem dúvida, pelo fato de que um objeto como esse é simultaneamente o primeiro objeto-satisfação e o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliador. (1950[1895]/1988b, p. 376)

É com relação a esse outro que se desenvolve a identificação primária, como primeiro laço afetivo com outra pessoa, prévio ao reconhecimento do objeto (Freud, 1921/2011b), esboço do que Freud (1950[1895]/1988b) chama de *complexo do semelhante*, passo necessário para a instauração do eu de puro prazer. A partir do complexo do semelhante, uma vez que este é fonte de satisfação e, conseqüentemente, de prazer, os laços identificatórios serão reforçados. Entretanto, como dissemos, quando o outro não atende (falta), surgem traços de frustração, gerando sentimentos de desamparo e ódio dirigidos ao objeto inicial, que foi fonte de satisfação, constituindo o que Freud denomina *princípio do prazer-desprazer*. Essas serão as bases para a relação entre o sujeito

e o objeto, estabelecendo uma capacidade de pensar rudimentar, suficiente para discernir a presença ou a ausência do objeto.

Essa operação continuada produz registros mnêmicos, levando Freud a supor e a dividir com Fliess, em 1896, “que o mecanismo psíquico é gerado por estratificação sucessiva, pois de tempo em tempo o material preexistente de marcas mnêmicas experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição” (1988a, p. 274). Assim, a memória é constituída por experiências com o mundo externo e o mundo somático. Essa memória é permanentemente gerada por meio de traços mnêmicos, mas só periodicamente se transforma em processos psíquicos.

Ao considerar a teoria das pulsões, Green (1990) compreende que, a partir da modificação teórica, pulsão de vida e pulsão de morte, Freud deixa de falar em pulsão sexual e passa a referir-se à sexualidade como função. A função libidinal ou capacidade de amar é o principal objetivo da pulsão de vida, em sua busca incessante de ligações. Dessa maneira, se o amor é a expressão última das ligações necessárias à pulsão de vida, a pulsão de morte corresponde à destrutividade ou, para ser mais fiel ao conceito, à autodestrutividade. O ódio seria uma consequência, a externalização dos aspectos destrutivos do ser projetados no outro, fonte de frustrações intermináveis.

## A dupla hélice pulsional

A partir deste ponto, abandonaremos os conceitos pulsionais anteriores à segunda tópica e nos apoiaremos nos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte como estrutura basal para o desenvolvimento de nossa argumentação e construção teórica.

Com base na leitura de Karl Popper, é possível dizer que nosso conhecimento só pode ser finito, mas que nossa ignorância é necessariamente infinita: “Só há um elemento de racionalidade nas tentativas de conhecer o mundo: o exame crítico das teorias. Elas, em si, são conjecturas. Não sabemos, apenas conjecturamos” (2010, p. 30). Assim, lançaremos mão do que Bion (1979) chamou de *conjecturas imaginativas*.

O nascimento do bebê para o mundo é vivido por ele como uma ameaça real e imediata a sua existência, pois enquanto se encontra no útero ele não tem nenhum tipo de necessidade. O que para a mãe é experienciado como nascimento, para o recém-nascido é sentido como ameaça à existência, dado o estado de inércia que marcava suas condições intrauterinas. Com o nascimento, o bebê é invadido por necessidades desconhecidas, sentidas como ameaças a sua sobrevivência – por exemplo, respirar e se nutrir.

Nesse momento, do ponto de vista metapsicológico, temos unicamente pulsão de morte. O bebê tenta expulsar do organismo essa pulsão mortal através de uma ação motora, uma agitação psicomotora, que se evidencia por meio do grito de dor e de reações musculares, arremedo de um fugir do desagradável.

A mãe, por sua vez, oferece suporte, agasalho e alimentação, apacando e atendendo as necessidades vitais, contendo o desespero e a sensação de morte iminente. Então, se a pulsão de morte é inerente ao recém-nascido, visto que ele não tem condições, por sua prematuridade, de atender suas necessidades e dar fim ao sofrimento, a pulsão de vida, ou seja, o “saber” materno sobre quais são as demandas do filho, aquilo que Freud chama de *ação específica*, é uma oferta materna. Nesse contexto, a pulsão de morte, sentida pela criança, é mitigada e capturada pela pulsão de vida, fornecida reiteradamente pela mãe.

Dessa maneira, os aspectos de ligação sobrepõem-se às angústias destrutivas sentidas pelo bebê, através do rebaixamento de tensões existentes no seu interior, estabelecendo no bebê uma sensação de *joie de vivre*.<sup>3</sup> O ser é, então, apresentado à pulsão de vida.

Freud supõe que “desde o início exigências imperiosas oriundas de necessidades internas do organismo perturbavam o estado de repouso psíquico” (1911/2004a, p. 65-66).

Partindo da ideia freudiana de que existem duas pulsões, e não uma pulsão com dois vértices, e de que as pulsões são elementos essenciais e primários às reflexões metapsicológicas na compreensão dos processos psíquicos, buscamos na estrutura cromossômica uma analogia que nos forneça não o arcabouço teórico, mas um *analogon*<sup>4</sup> necessário a uma referência visual dos processos de imbricação e desimbricação pulsional: “Deixem-me fazer uma analogia; analogias nada resolvem, é verdade, mas podem fazer com que nos sintamos mais ‘em casa’” (Freud, 1933/2010c, p. 214).

É mais que necessário frisar que se trata de analogia. Apoiamo-nos em Freud (pulsão de vida/pulsão de morte) e nas conceituações de Green sobre as decorrências das duas pulsões (ligações/desligamentos), e não em biólogos e geneticistas. Visamos ao aparelho psíquico, e não ao aparelho orgânico. É esta a conjectura imaginativa que desejamos compartilhar:

3 *Joie de vivre* (prazer de viver): expressão francesa utilizada para descrever um alegre prazer da vida, uma exultação do espírito.

4 *Analogon*: na filosofia, elemento equivalente à percepção, necessário para que o processo de imaginação se faça presente.



Figura 1



Figura 2

Na figura 1, tomemos uma das fitas como representante da pulsão de morte e a outra como representante da pulsão de vida. Durante a vida intrauterina, a pulsão de morte está quiescente, indiferente e indiferenciada, em inércia, e portanto não há demanda no ser. A pulsão de vida nesse momento é só potencialidade. Pensamos que inicialmente não existiriam as pontes entre elas, sobretudo, que nesse momento não haveria nenhum estímulo pulsional. Com o nascimento o ser é invadido por necessidades que não pode atender. Os instintos (*Instinkt*) não são capazes de lhe fornecer as reações mínimas para dar cabo de seu sofrimento, devido à prematuridade humana, e com o passar das horas os processos internos tendem a se agravar. Isso pode chegar ao ponto de o bebê, mergulhado em exigências poderosas e mortais, que inviabilizam a existência, ser completamente tomado pelos aspectos letais e desistir de lutar contra forças tão destrutivas, como no caso extremo da depressão anaclítica.

A mãe, por sua vez, ao ter vivenciado essa experiência de quase morte e sobrevivido graças aos cuidados maternos a ela oferecidos, tem sua pulsão de morte atenuada e preenchida pelo princípio do prazer e pela pulsão de vida. Ao identificar no bebê suas necessidades passadas e presentes, fornece as pontes (figura 2) necessárias para ligar a pulsão de morte à pulsão de vida. Cada ponte entre as duas fitas helicoidais representariam uma ação específica, um cuidado materno e uma satisfação de necessidade. Além disso, podemos ver na analogia da figura 2 que a ligação entre pulsão de vida e pulsão de morte se constitui em pontes e ausência de pontes, ou seja, ligações e desligamentos próprios da vida. Por melhores que sejam os cuidados maternos, é impossível atender todas as demandas do recém-nascido, permanecendo sempre o estado de falta de ações específicas. Tanto o desligamento total, sem pontes, como a ligação absoluta, sem desligamentos, seriam processos incompatíveis com a vida. Num extremo, haveria desimbricação pulsional, e o ser estaria entregue aos aspectos destrutivos do vazio, da ausência de representação. No outro extremo, seria o caso de saturação psíquica ou fusão e indiscriminação, sem espaço para desejos e reflexões.

Tomamos as reflexões de Green (1990) como reveladoras de uma melhor compreensão do sentido para pulsão de vida e pulsão de morte, como expressões da necessidade de ligações e desligamentos, de funções objetualizantes e desobjetualizantes, de modo que nesse contraste se construa um espaço para o desejo e outro para a satisfação. Como numa partitura musical, existe um lugar para o som e outro para o silêncio ou, numa relação amorosa, um lugar para o falar e outro para o calar. Se fossem somente ligações, seriam ruídos insuportáveis, sem ritmo, constantes e destrutivos; seriam expressões mortais da pulsão de vida. Se fossem somente desligamentos, seria a temida indiferença. Portanto, o modelo que nos serviu como referência, ao representar a ideia de pontes entre os dois sistemas helicoidais e paralelos, nos remete à necessidade de pensar a pulsão de vida como atravessada por vazios (desligamentos) e ligações. Os vazios serão preenchidos através da vivência singular da relação com o objeto e dos aspectos inatos, constituindo o que Freud denominou *equação etiológica*.

## Dos processos identificatórios

De um soma inicial não integrado, encontramos um recém-nascido entregue à própria sorte. Os fatores instintivos, as reações reflexas, como o reflexo de apreensão ou o reflexo de sucção, não são suficientes. Somente as vivências de outro ser, semelhante, capaz de entender as necessidades da vida, poderão evitar o destino inexorável de um retorno ao inorgânico. Apenas o investimento (*Besetzung*) materno, repleto de amor e desejo, estará habilitado a reconhecer o que se passa no interior desse novo e pequeno ser. Essa cria humana carrega potencialidades no seu interior, mas precisa que uma ação psíquica a resgate do mundo biológico. Recorrendo à mitologia judaico-cristã, diríamos que necessita do “sopro divino”, o que para a psicanálise corresponde à ação específica. O seio bom ou amor materno (Green, 1990), carregado de representações e afetos, através da ocupação (*Besetzung*) de seu objeto, o bebê, resgata-o do mundo natural, conduzindo-o para a cultura.

Freud diz que só um ser humano humaniza. Pensamos, a partir dessa premissa, que o início desse processo ocorre por meio da capacidade de identificação, de ser idêntico, igual. Freud destaca: “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo” (1921/2011b, p. 60). O processo parte da indiferença inicial, passa pela captura amorosa da mãe e evolui, posteriormente, para um narcisismo primário, como descrito por Freud: “As pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (1914/2004b, p. 99).

A identificação com o objeto primeiro estabelece a identidade do, agora, sujeito. A partir disso, teremos as patologias ligadas à constituição da identidade e suas consequências na vida em sociedade.

## Ódio primário

Ante o exposto até o momento e seguindo a problemática freudiana, precisamos reconhecer a dificuldade de compreender a existência de fatores primitivos e opostos a tudo em que a humanidade acreditava, como a concepção de uma bondade inerente ao homem. Os aspectos destrutivos foram assim abordados por Freud:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto<sup>5</sup> de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. ... Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica. (1930/2010e, p. 87)

Fica evidente a dificuldade teórica e científica para a percepção e a descoberta de fatores que remetem à negatividade e ao vazio, assim como na matemática o número zero foi a última aquisição representacional. Nesse contexto, a mente pensante consegue estabelecer compreensão e representabilidade para o que é percebido, para a unidade, necessitando de um esforço intelectual maior para a representação de ausências. O vazio só pode ser descrito por suas bordas, e não por seu núcleo, o que nos leva a reiterar que o conceito último de pulsão de morte se constitui na ausência de representação, o irrepresentável. Portanto, ao entender os aspectos letais da pulsão de morte, tanto para nossa capacidade de pensar quanto para seu significado psíquico, reconhecemos a dificuldade de abordar esse tema.

Benno Rosenberg é um autor contemporâneo que se dedica a aproximar os conceitos da primeira e da segunda tópica através da compreensão dos aspectos destrutivos presentes na sexualidade humana:

Clinicamente falando, é o núcleo masoquista do eu, primariamente constituído, mas que perdura no eu, que permite o investimento (a ligação) da excitação, tornando-a aceitável; de outro modo, a excitação seria (um desprazer) insuportável

5 Nessa tradução, o conceito de instinto corresponde ao conceito de pulsão utilizado por nós.

O ódio primário e os processos de individualização

e finalmente impossível. Mas sem excitação não há vida; é a extinção, a morte. O masoquismo (erógeno) primário é, portanto, um masoquismo guardião da vida. (1991/2003, p. 108)

O autor prossegue: “Sem a intrincação pulsional primária (masoquismo erógeno), a lei de funcionamento da pulsão de morte (princípio de nirvana) tende a excluir toda a excitação da matéria orgânica, fazendo-a regressar ao inorgânico” (p. 108). Compreende que o masoquismo primário excita ligações libidinais, permitindo ao bebê transformar a necessidade em anseio de satisfação. Isso faz com que a espera se mantenha carregada de estímulos erógenos, sexuais, constituindo uma parte inerente de todo desejo. Na ausência desse investimento, o aparelho psíquico, sobrecarregado por aspectos destrutivos, iniciaria um processo de descarga, gerando a ruptura libidinal entre sujeito e objeto, ou a ruptura da imbricação necessária entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Se o desejo, como assinalado, carrega um tanto de frustração, o ódio, que também liga pulsão de vida e pulsão de morte, ou sujeito e objeto, carrega um tanto de satisfação.

Em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915/2004c), Freud fala sobre a capacidade de amar e odiar ainda sob a perspectiva da primeira tópica. Diz ele: “O amar admite não apenas um par de opostos, mas três. Além da oposição entre amar – odiar, existe outra, amar – ser amado, e ademais, se tomarmos o amor e o ódio em conjunto, poderemos opô-los ao estado de indiferença” (p. 157). Lembra que o amar – ser amado remete a um tipo de amor inicial que é “amar-se a si mesmo”, ou seja, o narcisismo.

Num intento de aproximar conceitos estabelecidos na primeira tópica com as transformações, principalmente em relação às pulsões, na segunda tópica, pensamos que o amor é uma pulsão de vida que, quando se liga a uma representação-coisa, carrega-a de desejo, com signos de satisfação que busca incessantemente o objeto-fonte em outros objetos da realidade, visto que esse objeto inicial lhe foi interditado. O ódio, por sua vez, pode ser compreendido como a expressão de uma pulsão de morte, carregada de destrutividade e atenuada pela pulsão de vida – nesse caso, ainda com força suficiente para se ligar a uma representação; no entanto, em razão do predomínio de impulsos destrutivos, se expressa no mundo externo através de ódio ao objeto. Assim, a pulsão de morte, no seu sentido mais literal, não atenuada por ligações ou pulsões de vida, não será jamais o ódio, mas a indiferença.

O ódio tem suas raízes vinculadas às primeiras frustrações da relação do ser com o objeto, de maneira que, para Freud,

ao se utilizar a palavra *odiar*, não se evoque nenhuma relação estreita com o prazer sexual e com a função sexual. Nesse caso, a relação de desprazer parece ser a única decisiva. O eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fonte de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades de conservação. Podemos até mesmo afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do eu pela sobrevivência e para se impor. (1915/2004c, p. 160)

Desse modo, a cada ação específica vai corresponder uma frustração específica – lugar em que a mãe falha e não atende, em que o ser tem de se haver com a famigerada pulsão de morte: a mãe não atendeu, não satisfez, não entendeu a demanda e, portanto, gerou dor psíquica. Agora, porém, diferentemente do nascimento, existe um responsável pelo sofrimento, o objeto. Se a satisfação se liga ao objeto de satisfação, a frustração igualmente se liga ao objeto de frustração, oferecendo registros futuros de ódio ao objeto.

Historicamente, partimos de *Totem e tabu* (Freud, 1913/2012) para corroborar nossa ideia acerca da existência de um ódio anterior à relação triangular, que conhecemos como complexo de Édipo. Esse ódio anterior vai servir como rocha de base a um ódio secundário, fruto das interdições ao incesto e ao parricídio, as quais, no pensar do indivíduo, só reforçarão suas convicções a respeito de seus direitos ao ódio pelo objeto. Freud propõe:

Onde existe uma proibição, deve esconder-se um desejo. Suporemos que tal desejo de matar se acha realmente no inconsciente, e que o tabu, como a proibição moral, está longe de ser psicologicamente supérfluo, sendo explicado e justificado pela atitude ambivalente ante o impulso homicida. (p. 115)

Retornando ao desenvolvimento psicosexual, o ódio acumulado e armazenado durante algum tempo no interior do psiquismo vai fazer sua estreia triunfal na passagem da fase oral para a fase anal.

Segundo Mahler, Pine e Bergman (1975/1993), o investimento libidinal no “período de treinamento” é posto a serviço do ego em busca de autonomia e individuação. Nesse período, a criança parece intoxicar-se com a aquisição de novas faculdades, tanto motoras quanto psíquicas, como o caminhar autônomo, a aquisição da palavra, marcadamente a capacidade negativa, o dizer não, coincidindo com o ápice do narcisismo. Conforme Jean-Pierre Lebrun:

Temos ódio pelo fato de falarmos, pois falamos apenas com palavras que vêm do outro. Nós somos, portanto, cada um, primeiramente e antes de tudo, uns importunados, uns constrangidos pela língua que vem sempre do outro ... é falar que induz o ódio. (2008, p. 15-16)

Não nos contrapondo a essa conceituação, mas complementando-a à luz de nossas reflexões a respeito de vínculos psíquicos carregados de frustração e/ou ódio, pensamos ser o ódio primário necessário a todo vínculo possível, a toda intimidade entre um sujeito e seu objeto. A presença do ódio se faz necessária para que se constituam os processos de separação e individualização. É ele que provocará os processos psíquicos de desilusão e desidealização do objeto primeiro e, posteriormente, estará presente em toda tentativa de expressão amorosa por um objeto inatingível. Esse sujeito, sujeitado ao desejo do outro, atravessado por seus interditos, carregando frustrações e vazios, não sente ódio: ele tem ódio – o ódio o possui (Lebrun, 2008).

Em contrapartida, esse objeto arquetípico e primário parece, na visão do indivíduo, um ser não castrado e com toda a potência erótica e ilusória, capaz de satisfazer todo o desejo, ilimitadamente. Se isso não ocorre, só pode ser porque o objeto não quer ou não deseja, despertando no sujeito toda a força do ódio. Ódio ao objeto frustrador.

## Considerações finais

Diante do que pensamos até aqui, somos levados a supor que o ódio é uma expressão primária do aparelho psíquico, ou seja, o ódio é a destrutividade externalizada e ligada ao objeto primário.

O ódio é o mais próximo que se pode chegar do que seria a destrutividade em estado bruto, porque o ódio é ligação com o objeto, é expressão da frustração inerente a todo desejo, na medida em que o objeto, por mais que dê, não pode dar além de sua própria capacidade, que nunca corresponde à expectativa que o outro tem dele.

No primeiro momento, quando não há distinção entre sujeito e objeto externo – objeto criado narcisicamente pelo choro –, o reforço do narcisismo primário, que corresponde ao narcisismo trófico, de vida, nada mais é do que a ilusão necessária de ser correspondido através da manifestação do grito. Quando a realidade se impõe e o bebê percebe que há uma diferença entre a satisfação pulsional, mediante o grito, e a atenção do objeto, ele tem uma experiência de frustração que reforçará o ódio primário. Posteriormente, deverá distinguir, tendo em vista as frustrações, entre o amor por si mesmo e o amor pelo objeto. Contrariamente, o excesso de frustração em relação ao vínculo com o próximo fará com que o indivíduo carregue, para toda a sua existência, a ideia de que “o inferno são os outros”, uma vez que de fato a preconceção ou a idealização do outro tornam impossível a realização plena do desejo.

Queremos ressaltar, à guisa de conclusão, que os processos de ligação (pulsão de vida) entre sujeito e objeto serão as raízes da identidade.

Os processos relativos à pulsão de morte, atenuados pelas ligações da pulsão de vida, estarão no amago do ódio primário ao objeto, constituindo as raízes da individualidade.

### El odio primario y los procesos de individualización

Resumen: El artículo desarrolla la idea de la existencia de un odio primario y estructurante, a partir de los conceptos freudianos concernientes a la segunda tópica, principalmente los conceptos de pulsión de vida y pulsión de muerte. Añadimos contribuciones de André Green y otros autores, sobre los procesos de conexión y separación, relacionando las frustraciones derivadas del desencuentro entre la demanda del bebé y el deseo materno, con el incremento de angustias del inicio de la vida que repercutirán en el destino posterior de las pulsiones y en la vida del sujeto. Por un lado, la pulsión de vida genera vínculos y despierta el deseo, estando en la base de los procesos de identificación. Por otro, la pulsión de muerte, atenuada por las conexiones a representaciones, será expresada por deseos destructivos en relación al objeto. Llamamos a este proceso “odio primario” y entendemos que contribuiría, de forma no menos importante, a establecer el proceso inicial de individualización. Si las conexiones del ser con el objeto establecen la identidad – ser idéntico, los procesos relacionados a la destructividad proporcionan las marcas psíquicas para la construcción de la individualidad – que no se divide.

Palabras clave: pulsión de vida, pulsión de muerte, identidad, individualidad, odio primario

### Primary hatred and individualization processes

Abstract: Drawing on Freudian concepts concerning the second topic, and particularly the concepts of life drive and death drive, this paper develops the idea of existence of a structuring primary hatred. Additional contributions include views by André Green and others on attachment and detachment processes, where frustrations arising from the mismatch between the baby’s demands and maternal desire are related with an increase in early life anxieties that will have impacts on the fate of drives and the subject’s life. The life drive generates connections and awakens desire, being at the base of identificatory processes. On the other hand, the death drive, being attenuated by its connections with representations, will be expressed as destructive desires toward the object. Having termed this process “primary hatred,” we understand it as contributing, no less importantly, to establishing the early individualization process. While the bonds between being and object establish an identity—*i.e.*, being identical—the processes related to destructiveness provide the psychic marks for the construction of individuality—*i.e.*, the indivisible.

Keywords: life drive, death drive, identity, individuality, primary hatred

### La haine primaire et les processus d'individualisation

Résumé: L'article développe l'idée de l'existence d'une haine primaire et structurante, basée sur les concepts freudiens concernant la deuxième topique, principalement les concepts de pulsion de vie et de pulsion de mort. Nous ajoutons des contributions d'André Green et d'autres auteurs sur les processus de liaison et de déliaison par rapport aux frustrations découlant du déséquilibre entre la demande du bébé et le désir maternel, avec l'augmentation des angoisses du début de la vie, ce qui affectera le destin des pulsions et la vie du sujet. D'une part, la pulsion de vie génère des liens et éveille le désir, étant à la base des processus d'identification. En revanche, la pulsion de mort, atténuée par les liens avec les représentations, s'exprimera par des désirs destructeurs vis-à-vis de l'objet. Nous appelons ce processus "la haine primaire" et nous entendons qu'il contribuerait d'une manière tout autant importante, à établir le processus initial d'individualisation. Si les liens de l'être avec l'objet établissent l'identité – être identique –, les processus liés à la destructivité fournissent les marques psychiques pour la construction de l'individualité – ce qui ne se divise pas.

Mots-clés: pulsion de vie, pulsion de mort, identité, individualité, haine primaire

### Referências

- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(4), 467-478.
- Freud, S. (1988a). Carta 52. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 274-280). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1988b). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 323-389). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (2004a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 63-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2004b). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 95-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004c). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010b). "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)

- Freud, S. (2010c). A dissecção da personalidade psíquica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010d). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Freud, S. (2010e). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011a). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 184-202). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2014). A vida sexual humana. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 13, pp. 401-424). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites* (H. B. Vianna, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lebrun, J.-P. (2008). *O futuro do ódio* (J. A. Corrêa, Trad.) Porto Alegre: CMC.
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (1993). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação* (J. A. Russo, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1975)
- Popper, K. (2010). *Textos escolhidos* (D. Miller, Trad.). Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida* (C. Gambini, Trad.). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1991)

Recebido em 25/3/2019, aceito em 16/4/2019

Augusta Gerchmann  
Rua Doutor Florêncio Ygartua, 270/1107  
90430-010 Porto Alegre, RS  
Tel.: 51 98137-0677  
augustagerchmann@hotmail.com

César Augusto Antunes  
Rua Mariante, 288/508  
90430-180 Porto Alegre, RS  
Tel.: 51 99982-9993  
cesaraugustoantunes@gmail.com